

## Crime no Museu

Liege Fontenele Cruz

Já se passavam horas e Heitor continuava ali, no segundo andar do Museu da República, parado diante dos vitrais com olhar gélido a observar, na escuridão, a grandiosidade do museu. Os vitrais ficam na galeria que, no período imperial, servira de antecâmara da capela. São obras de arte, que vieram da Alemanha. Mesmo sendo objetos de sua estima não mais conseguia apreciá-los naquele momento, pois o medo já o consumia. Não deveria estar tão abalado, afinal conhecia cada canto daquele lugar. Costumava frequentar o museu com sua mãe Adália, mulher humilde – que enxergava na educação uma oportunidade para seu filho superar a pobreza e o preconceito. Heitor não dava muito crédito aos discursos da mãe. Adália não tinha muito estudo, mal concluiu a antiga oitava série. A sabedoria, fruto da dificuldade, era o único bem para transmitir ao filho. Sempre foram, inexplicavelmente, conectados um com o outro. A ponto de terem livrado um ao outro de situações de perigo, por conta de inúmeros pressentimentos. Ambos cresceram na Comunidade de Tavares Bastos, no Morro da Nova Cintra, no bairro do Catete, e viveram toda a vida ali. Mas Adália sempre sonhou alto. Quando menina frequentava os jardins do museu. Ali sentia-se pertencente ao asfalto. Sempre curiosa, seu lugar preferido no jardim era aos pés do chafariz, onde se localizava a escultura que representa o Nascimento de Vênus. Passava horas admirando a obra. Chegou a pesquisar sobre “Vênus” e ficou encantada ao descobrir que se tratava da deusa do amor. Muito romântica, ainda moça, encantou-se por um rapaz da comunidade. Acabou engravidando. Assim tornou-se mãe solo e a realidade engoliu seus sonhos. Desde então, seus sonhos voltaram-se para Heitor. Mas algo a prendia ao museu. Era como se soubesse de tudo o que estaria por vir.

Heitor também tinha uma conexão forte com o lugar. Naquele jardim deu seus primeiros passos e tornou-se um leitor voraz. Mesmo não acreditando que a educação poderia mudar sua vida, comprava livros com qualquer quantia que a mãe lhe dava. Passava horas debruçado na leitura. Certo dia, já adolescente, ao caminhar no hall do museu onde se localiza a escada que leva ao segundo andar, reparou nas cenas mitológicas. Descobriu que as representações feitas ali eram imitações dos afrescos pintados pelo renascentista italiano Rafael. Desta forma, foi introduzido na leitura de mitologia. No segundo andar, encontrou seu lugar favorito. Ao olhar através daqueles vitrais com representação de figuras mitológicas, apaixonou-se por eles. As figuras, as cores e a

luz do sol atravessando aquelas vidraças chamavam sua atenção.

Naquele dia Heitor fora ao museu por um motivo específico: informar-se sobre o concurso de contos que lá se realizaria. Descobriu que em dois dias encerravam-se as inscrições. Ficou triste, não teria tempo de escrever. Deu seu habitual passeio e agora estava ali diante dos vitrais, paralisado observando a luz do luar atravessá-los e, diferentemente das cores que admirava durante o dia, naquele instante estava tudo sombrio. Tentava a todo custo reviver os momentos que antecederam o fato de se encontrar trancado ali sozinho. Lembrou-se de ter cumprimentado João, o segurança do museu, e de que este o lembrara dos poucos minutos que faltavam para o museu fechar. Caminhou até o banheiro e depois retornou para dar a última olhada nos vitrais. E lá estava ele imóvel. Tinha a nítida sensação de ter entrado em transe. Tentando vencer o medo caminhou até o Salão Francês, entre a capela e o Salão Nobre. Lembrou que o salão tem estilo Luiz XVI, característica que se podia observar nos ornatos do teto e nas molduras dos espelhos. À medida que caminhava, os personagens representados nos vitrais e nos quadros também se movimentavam. Piscou os olhos. Abriu. Algo inexplicável estava acontecendo. Parecia estar sonhando acordado. Os personagens do museu ganharam vida. Ensaçou entrar em pânico. Correu e desceu os degraus da escada desesperadamente. Tentou avistar alguém, mas não havia ninguém. Estava realmente sozinho: ele e sua imaginação. Percebeu que quanto mais corria mais desesperado ficava. Tentando não enlouquecer, decidiu parar.

A noite chegou, e Adália, como louca, buscava notícias do filho. Ele nunca a deixou sem notícias. Já era tarde quando descobriu, por intermédio de um vizinho, que o filho havia ido ao museu. Ligou inúmeras vezes para o celular do filho, sem sucesso. Fez um chá para tentar se acalmar. Como de hábito ligou a tevê para esperar o filho, deitou-se no sofá e acabou pegando no sono. Teve um sonho mirabolante – que se passava no museu. Os personagens do seu sonho eram Heitor e todas aquelas figuras vistas por ela no museu. Nunca soube quem era quem nos quadros, nas esculturas e nas imagens lá retratadas. Não tinha tempo para estudá-las como fazia Heitor. Mas sabia que eram de lá. No sonho, Heitor corria pelos corredores do museu, enquanto personagens da história e estátuas ganhavam vida. Viu grandes bailes nos salões, pessoas com roupas de época, deuses, intrigas e a morte da deusa Vênus.

Quando voltou a caminhar lentamente Heitor se encontrava no Salão Nobre, onde tempos atrás eram realizadas as principais recepções do palácio. As pinturas existentes no salão, que representam cenas mitológicas associadas às artes e à música estavam em movimento e

interagem com Apolo, Deus da música e da poesia, cuja vida estava representada no alto da parede. Se deu conta de que os personagens eram os convidados de um baile. A música era inebriante e vinha da lira tocada magnificamente. Heitor transitava entre os ilustres convidados daquele inusitado baile. Personagens de várias épocas da história conviviam amistosamente entre si e com ele. O som da lira o acalmou. Apesar de não saber como aquilo tudo acontecia, desejava se lembrar de cada detalhe da experiência. Resolveu escrever, que, aliás, era o que melhor sabia fazer. Ao se sentar em uma daquelas luxuosas poltronas de época com tecidos verdes à guisa de cetim, puxou o caderno que tinha na mochila e descreveu em detalhes a cena diante de seus olhos. O medo foi ficando para trás, à medida que deixava sua imaginação fluir. Depois de passar algum tempo ali voltou a caminhar lentamente. Assim acompanhava a movimentação dos personagens, podendo descrevê-los com perfeição. Adentrou o Salão Pompeano e se surpreendeu com um falatório grande. Reconheceu naquele salão vários personagens do Descobrimento, da Independência, da Abolição e da República. Conhecia bem os personagens da História do Brasil. Sempre foi um ótimo aluno de História e Geografia. A cada passo que dava ouvia os diálogos e percebia as intrigas nas conversas. Eram nestas ocasiões sociais que se desenhavam todas as estratégias políticas. Deixou a mente vagar colocando no papel seus devaneios. Continuou a caminhar, adentrando o Salão Veneziano, recinto lindamente decorado e usado como sala de visitas, com um lustre central em bronze e cristal, candelabros e grandes espelhos. Logo que entrou reconheceu Chiquinha Gonzaga, ilustre personagem da nossa história, filha de um militar com uma mulata, nascida no período da escravidão e que revolucionou os costumes e a música popular de sua época. Estava sendo apresentada pelo presidente Hermes da Fonseca para tocar aos convidados presentes. Quando teve início o sarau, Apolo entrou no salão, ofegante, anunciando que haviam matado Vênus e que ela estava caída no Salão Mourisco, que antigamente era um salão masculino usado como sala de jogos e de fumar. Seria um crime passionai? Um crime havia sido cometido durante aquele baile e muitos personagens ilustres tornaram-se suspeitos. Heitor passou horas a escrever o desenrolar daquela trama de assassinato.

Adália acordou assustada, tentando entender o que estava acontecendo. E se deu conta de que tinha tido um sonho longo, dado o adiantado da hora. Conseguiu acalmar seu coração. Heitor estava no museu. A conexão que tinha com o filho lhe dava esta certeza. Ao longo da vida aprendeu a confiar nos seus pressentimentos. Nunca entendeu direito o que isto queria dizer, mas já havia escutado diversas histórias de pessoas que em diferentes partes do planeta realizaram as mesmas descobertas ao mesmo tempo como se em algum momento tivessem se

conectado.

Heitor ouviu um barulho de chave. Ao olhar pela janela do Salão Mourisco pôde ver que já havia nascido o sol. Pensou que talvez o responsável pelo museu ou alguém tivesse chegado para trabalhar. Com medo de ser pego ali procurou sair rapidamente por algum lugar em que não fosse visto. Mas, ao passar correndo pelo tapete vermelho do hall de entrada do museu Heitor tropeçou e caiu. O caderno e a caneta voaram longe, ao mesmo tempo em que Heitor ouviu uma voz:

- Tem alguém aí?

Heitor reconheceu, aquela voz era de João, o segurança do museu. Não queria ser pego e ter que se explicar. Em um piscar de olhos ganhou a rua. Correu tanto, que estava ofegante e mal conseguia respirar. Já na rua tentou se acalmar. Não parava de pensar que achariam o caderno e veriam que alguém teria estado ali. Tranquilizou-se com o fato de que não havia nome no caderno, logo, não saberiam de quem era. Estava realmente calmo, quando lembrou que deixara no museu a mochila e a carteira, com seus documentos. Não havia como escapar.

No museu, após ouvir o barulho vindo do hall de entrada, João correu para lá. Achou o caderno, percebeu que alguém passara a noite ali. O caderno não estava identificado então, resolveu procurar outras pistas. Ao fazer a ronda, encontrou a mochila de Heitor com os seus documentos. Sabia tratar-se do rapaz que tinha verdadeira adoração pelo museu. Decidiu não levar a história adiante para não prejudicar Heitor. Pegou a mochila, desceu com ela para guardar o caderno e, depois devolver ao rapaz. Havia colocado o caderno em uma mesa de apoio. Ao levantar o caderno, um papel foi ao chão. João abaixou-se para pegar e percebeu que era uma impressão do site do museu que dizia respeito ao concurso de contos. Entendeu o interesse de Heitor no concurso e, então, foi folhear o caderno novamente para saber se tinha algo escrito. Deu-se conta de que havia um conto incrível chamado “Crime no Museu”. Ficou impressionado com a capacidade de escrever do rapaz. Não conseguiu mais desgrudar os olhos do caderno até o desfecho final. As inscrições terminavam no dia seguinte e João não sabia como encontrar Heitor para devolver seu material.

Chegando em casa, Heitor encontrou a mãe, que lhe deu um abraço infinito. Conversaram sobre o ocorrido e ficaram impressionados com o fato de estarem conectados pelo mesmo “sonho” em

lugares diferentes. O coração de mãe de Adália de repente ficou apertado. Sabia que o fato de ter passado a noite trancado no museu poderia ter consequências muito graves para seu filho. Após um dia de trabalho árduo, João decidiu levar o caderno de Heitor e, em casa, digitar e formatar o conto para inscrevê-lo no concurso. Sabia da origem humilde de Heitor e que esta seria uma oportunidade. Lembrou-se dos documentos do rapaz e com eles poderia inscrever o conto em seu nome. Passou a madrugada acordado, empenhado em concluir sua missão, já que pela manhã voltaria ao trabalho.

No dia seguinte, Heitor retornou ao museu para tentar recuperar seus pertencentes. Sabia que poderia se dar muito mal, mas preferiu tentar se explicar. Ao chegar, avistou João, que lhe deu um abraço afetuoso e lhe disse:

- Tenho aqui algo que lhe pertence. Sei que passou a noite por aqui. Fica entre nós.
- Serei eternamente grato por isso. Não foi minha intenção. Quando dei por mim estava trancado.
- Sei que você é um bom rapaz. Continue assim. Tem muito talento.

Heitor respirou aliviado por João ser um homem tão bom. Não entendeu muito bem o que ele, quis dizer com “tem muito talento”, mas, como já tinha dado trabalho suficiente a ele resolveu não fazer perguntas e deixar a segurança voltar ao seu posto.

João passou o dia no museu pensando se teria feito tudo certo na inscrição. Ninguém poderia desconfiar que ele fizera a inscrição de Heitor, com risco de ser cancelada. O jeito seria aguardar e torcer.

Foram semanas de ansiedade para João. Agora, faltava pouco. Dentro de algumas horas, seria divulgado o resultado do concurso.

Naquela manhã, Heitor concidentemente não teria aula. Sua professora pegou covid e não havia na escola outra pessoa que pudesse substituí-la. Acordou cedo para tomar café com a mãe, já que ela sairia para o trabalho em poucas horas. Como de costume, ligaram a tevê para ver o noticiário. Chamou a atenção de ambos a notícia do evento de divulgação dos ganhadores do concurso de contos. Heitor sentiu um misto de felicidade e tristeza. Queria estar concorrendo.

Ao mesmo tempo, ficou feliz de não ter aula e, assim, poder ir até lá.

- Filho já que você não tem aula vá até o museu hoje. Deve estar em festa.

- Pensei o mesmo, mãe. Vou até lá, sim.

Após o café, saíram juntos. Adália para o trabalho, e Heitor para o museu. Lá chegando, Heitor se encontrou com João, que ficou eufórico ao vê-lo.

- O que faz aqui garoto? E a aula pela manhã?

- Minha professora pegou covid. Não terei aula, então, resolvi acompanhar a divulgação do resultado do concurso.

- Bom demais te ver aqui hoje.

Naquele instante o coração de João acelerou e ele teve a certeza de que Heitor seria o ganhador. Heitor foi até o local preferido da mãe no jardim. Ficou impressionado em como a Vênus era exatamente igual à do “sonho” que teve. Seu coração palpitou. Voltou ao interior do museu. Dentro de instantes sairia o vencedor. O diretor já se encontrava no púlpito montado no hall de entrada.

Muitas foram as palavras proferidas pelo diretor, mas Heitor só se lembrava de ouvir seu nome. Ficou paralisado, sem entender. Suas pernas tremiam. Em fração de segundos, fez muitas perguntas a si mesmo. Como isso seria possível? Quem teria feito isso? Foi quando ouviu uma voz familiar que lhe disse:

- Vai lá, garoto! Vai buscar seu prêmio!

Flashes foram disparados por todos os lados. E, no mesmo instante Heitor entendeu que tinha sido o segurança. João era seu anjo. Quem disse que anjos não existem?

Toda a comissão examinadora veio ao seu encontro para lhe dar os parabéns.

- Estou vivendo um sonho que devo a minha mãe solo. Sou um menino de comunidade, estudante de escola pública, e ela sempre soube que a educação me traria até aqui. Cresci neste museu. Ela renunciou aos sonhos dela para sonhar os meus, enquanto eu ria e duvidava.

O celular de Adália tocou. Era a vizinha pedindo que ela corresse para ligar a televisão e ver o jornal local. E lá estava seu lindo filho. Agora seu coração de mãe estava tranquilo, sabia que ele teria um futuro brilhante.

Heitor tornou-se um escritor famoso. Sua imaginação voou nas asas da sabedoria transmitida por sua mãe.

Heitor voou longe, tão longe que suas obras atravessaram oceanos e ganharam o mundo. E Adália, que nos jardins do museu sonhou em pertencer ao asfalto, agora tinha o mundo aos seus pés.